ENCONTRO

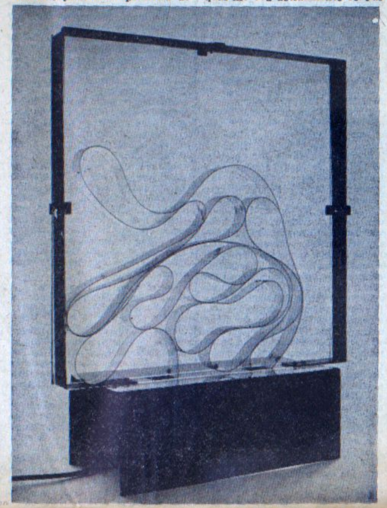
COMPREENSÃO CRÍTICA DO CONCRETISMO POÉTICO

de RODRIGO EMÍLIO

Assim como o pensamento é a palavra em potência, assim também a forma é o fundo em acto. Todo o continente expressivo é, pois, conteúdo realizado, ou seja: motivação temática, isto é: inspiração que, finalmente, se plasmou. Daí que as palavras sejam bem o mensageiro invólucro do pensamento, cuja mediata participação se nos torna, até elas, e sem elas, de todo impossível, quer gráfica quer fònicamente. E, isto, conquanto o próprio pensamento, aprioristicamente, se revele e, logo, com maior prontidão e fogosidade se declare e, de imediato, se processe sempre mais ràpidamente do que elas, palavras, que, retardatárias, paralelamente a par e passo o não acompanham nunca e só «a posteriori», isto é: só muito ulteriormente, para isso mobilizadas, o podem e devem exteriorizar e, portanto, assumir. E, assumi-lo, tanto significará propôr-lhe uma configuração gráfica que, tanto quanto o possível, plenamente o concretize, quanto será oralizar-lhe o silêncio essencial que é mister e, até mesmo, apanágio das palavras, vestir, investir e revestir assim, de uma possibilidade — que é necessidade — de comunicação. O certo, porém, é que, destarte, mais não conseguem as palavras do que muito simplesmente rememorar evocativamente, o pensamento que, antecipando-se-lhes sempre, só bem posteriormente a si, no-las vem a ditar, como desdobramento expressivo da sua prioridade relativamente ao Verbo.

Ora: desde logo contrariando a ponderação pausada (e, tanto, que «pontuada»), pensada, palavra a palavra meditada, com que comummente se redige; e, — pela intermediária via de uma mais integral fusão e combustão e perfeitamente identificada interpenetração do significante e do significado, — antes de mais, visando, precisamente, a que se escreve tão depressa quanto se pensa, ou seja: a uma concomitante, simultânea sincronização dos tempos internos de Pensamento e de Palavra, — já toda uma muito vária gama de tentames e experiências de «essencialização» verbal, foi feita, no que, para tanto, mais tendeu a libertar a redacção dos seus cânones tradicionais e a abolir do seu exercício toda e qualquer preocupação de conexão lógico-discursiva.

E, quando falo de movimentos de «essencialização» (e, por conseguinte, de suma purificação) vocabular, e de palavras que pretendem fazer do silêncio essencial do pensamento de que são portadoras e que representativamente encerram, o seu núcleo crucial de habitação, é, bem simplesmente, na mira única de mostrar e demonstrar a forma como podem, efectivamente, as palavras, acto contínuo, prontificar-se a responder e corresponder à instante imediatez do pensamento que, desta guisa, as solicitará, não ainda segundo uma relação de pura causa a efeito, isto é, segundo um eixo de progressões e sucessividades, mas já segundo um eixo de simultaneidades e concomitâncias. É por demais evidente que sobremodo me refiro eu ao movimento do automatismo psicológico que a irrupção surrealista utòpicamente imprimiu à escrita no genial intuito de acelerá-la e de proporcionar-lhe, assim, uma inquestionável fidelidade à pureza inicial e prontidão primeira do pensamento que, desenvolvidamente, a inspira, respira, passeia e submete sempre. Isto, da mesma maneira que igualmente me dirijo ao também essencializante surto do chamado «concretismo poético», da interpretação do qual me vou detidamente ocupar e tentar, para já, uma minudente compreensão crítica.



«ESTRUTURAÇÃO FLUIDA», DE GIANNI COLOMBO (PEÇA DE ARTE PROGRAMADA)

Retrospectivamente, reconhecemos hoje que, desde o Simbolismo e ulteriores correntes afins — tal o próprio Supra-realismo — o Concretismo era o inevitável destino da Poesia. Isto, da mesmíssima forma que, com a indecifrada nitidez de um «claro enigma», o prenúncio, o pressentido anúncio do Abstraccionismo da Pintura de hoje, originária, originalmente radica e entronca no Impressionismo da Pintura de ontem. Talqualmente como, paralelamente, o primeiro indício, ou seja, o veio nascente e a fonte primordial da origem e do princípio da dodecafonia electrónica ou novíssima música concreta de Webern, Boulez e Stockhau-

(CONTINUA NA 6.ª PAGINA)

O FILME DA SEMANA

SALVATORE GIULIANO «O BANDIDO DA SICÍLIA»

por MIGUEL FREITAS DA COSTA

Salvatore Giuliano, «O Bandido da Sicília», é — como já era recentemente «Lawrence da Arábia» — uma flagrante demonstração das insuficiências que afligem fatalmente o cinema como meio de expressão historiográfica; o que tem por temas acontecimentos recentes sobretudo. Não é que seja fácil ser cinematogràficamente muito categórico acerca do passado mais antigo, mas as implicações polémicas dos acontecimentos da nossa própria época tornam ainda mais difíceis quaisquer afirmações muito decisivas; por outro lado, a complexidade da história é pràticamente impossível de destrinçar em cinema — o cinema coaduna-se melhor, espectacularmente, com certezas do que com imbricadas dúvidas.

Fazer história artisticamente é quase sempre, é sempre, coá-la pela personalidade do autor, distorcendo a realidade insensivelmente ou até propositadamente; mas de faltas semelhantes se poderiam acusar, afinal, todas as tentativas de historiação (até as mais cientificamente conduzidas) e a arte mesmo, não dando com uma exactidão inflexível todos os inúmeros pormenores verdadeiramente reais da vida que se quer ressuscitar, pode muito bem prestar o serviço — a meu ver importante — de nos dar a ideia precisa de uma época, de nos comunicar liricamente um ambiente social histórico, um modo de vida, um tipo de sentimentos — de nos dar sentimentalmente a verdade histórica de um momento. «O Leopardo», de Luchino Visconti, apesar das limitações impostas pelo propositado confessionalismo do talentoso realizador italiano, é um bom exemplo.

A vantagem que o filme de Visconti tem sobre o filme de David Lean e o de Rosi é o carácter fictício da história romanesca que lhe serve de base: sem estar preso à realidade histórica de um protagonista — como estavam o inglês e Rosi — ficou Visconti, paradoxalmente, mais livre para nos dar o retrato apaixonante de uma era convulsa. Esteve — é claro — sujeito à verdade dessa era — podem responder-me. Pois esteve. Mas espectacularmente, insisto, parece-me mais conseguido o seu filme — e porque, não podendo, em princípio, falsificar o quadro da acção, teve, no entanto, em suas mãos o poder de criar por si aqueles que nela evoluíram.

Não desfazendo, é claro, nas excepcionais qualidades de que se pode legitimamente orgulhar o filme dedicado à figura neurótica e misteriosa do coronel inglês — nem adiantando um juízo sobre o valor estético da investigação que Rosi quis fazer das causas da morte de Salvatore Giuliano, bandido da Sicília, violentamente, falecido vai para catorze anos.

Os autores de «O Bandido da Sicília» procederam no seu filme exactamente ao contrário dos responsáveis pelo «Lawrence»; enquanto estes se preocuparam fundamentalmente com a interessantíssima figura do aventureiro, querendo reconstituí-lo e explicá-lo psicològicamente, aqueles demonstram claramente que o seu principal centro de interesse é o pano de fundo social e político que explica a triste aventura do siciliano; eu não tive tempo para verificar a veracidade das afirmações que se chegam a fazer nesta dubitativa fita: não vou portanto discuti-las. Limito-me a apontá-las: para Rosi e para os seus colaboradores está provada a cumplicidade da polícia, da Mafia e dos senhores feudais sicilianos. Giuliano começou por ser um instrumento dessa cumplicidade para acabar — esgotada a sua utilidade — vítima dela.

Rosi — influenciado talvez pela complicação da história que se meteu a contar-nos — fez um filme muitas vezes confuso de que se pode tirar aquele sentido geral com bastante facilidade mas onde se perdem muitos dos incidentes. Muito bem fotografado pelo brilhante Gianni di Venanzo, «O Bandido da Sicília» é valorizado pela secura das cenas de violência, que lhes acentua a força, e pelas interpretações de Salvo Randone e Franz Wolf e pela participação eficacíssima dos figurantes sicilianos. O recurso aos verdadeiros locais da acção, de mistura com a colaboração de alguns actores profissionais — hibridismo de estilo — resulta bem, dando razão às asserções do poeta Ezre Pound, que têm por critério estético fundamental a eficiência.

ALMADA-NEGREIROS NA ENCICLOPÉDIA «VERBO»

por MANUEL VARELLA

Com a precisão profética das grandes empresas editoriais, apareceu recentemente o décimo segundo fascículo da «Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura», da Editorial Verbo, completando o primeiro dos doze tomos anunciados antes da publicação deste exemplar esforço intelectual, ao serviço da cultura dos povos de língua latina.

Numa rápida vista de olhos pela colaboração últimamente inserida nas páginas desta obra, mereceram-nos especial atenção os artigos das colunas 1342 a 1346, assinados por Flórido de Vasconcelos e David Mourão-Ferreira e referidos a José de Almada-Negreiros.

Sintetizando a obra plástica de Mestre Almada, Flórido de Vasconcelos, coloca o leitor ao corrente do génio português da pintura e desenho, em palavras simples e plenas de objectividade: «...se José de Almada-Negreiros é um renovador constante da pintura portuguesa, nunca deixa de se ligar profundamente ao que nele existe de original e perene. A sua própria tendência geométrica filia-se claramente na busca exaustiva e surpreendente de uma originalidade da cultura portuguesa, que ele encontra expressa na geometria dos painéis de S. Vicente de Fora». Nunca tão poucas palavras tiveram significação mais verdadeira, quando se pretende analisar uma intensa e nacional contribuição para o prestígio da cultura plástica portuguesa, como é a obra do pintor José de Almada-Negreiros.

A outra face, a do poeta, a do prosador, analisa-a coerentemente David Mourão-Ferreira, no estilo crítico que caracteriza este ensaísta e que tem servido com notável probidade intelectual algumas das grandes figuras da cultura literária portuguesa. Num dos momentos do seu artigo, escreve Mourão-Ferreira: «No teatro, por seu turno há fulgurantes antecipações das experiências de um Ionesco ou de um Adamov, a par de um sentido, já pós-pirandelliano, na supressão da pluralidade de cada um ao encontro da unidade de todos. Fi-

(CONTINUA NA 6.ª PAGINA)

S. BENTO E O TRABALHO

por JORGE RAMOS

O prémio de «Amizade Latina» acaba de ser atribuído ao escritor e jornalista italiano Alberto Marinelli pelo seu ensaio *S. Bento e o conceito social do trabalho*, publicado em Roma. Tanto pelo espírito que a anima como pelo próprio tema, a obra corresponde exactamente às exigências de um prémio literário.

Marinelli alia à vivacidade e elegância do seu estilo a riqueza e a profundidade do pensamento. A ideia da Latinidade está eloquentemente expressa e defendida nesta obra. Evocando a grande figura de S. Bento de Nursia, escolhido para padroeiro dos Cavalleri del Lavoro, o autor conduz-nos às próprias origens de uma concepção latina do trabalho. Durante os séculos de decadência romana e das invasões bárbaras, o trabalho foi considerado um meio de existência degradante. S. Bento, no século VI, deu-lhe, pelo contrário, um lugar de honra, e nas regras da Orden. — um modelo de espírito organizador — explicou como o trabalho pode e deve constituir uma redenção admirável, não apenas como facto individual, mas ainda como fenómeno social de colaboração. No meio de populações abastardadas sob o jugo da escravatura, S. Bento representa a liberdade e a dignidade do trabalho. O peso intolerável da burocracia do Baixo Império esmagara os pequenos agricultores. Os pioneiros e os colonos que se haviam espalhado pela Dácia, e da Galácia à Espanha, desapareciam, e tudo o que contribuíra para acelerar o processo de fusão das múltiplas raças da nova comunidade latina no Estado romano, estava à mercê dos invasores bárbaros. S. Bento organiza uma nova vida social, e os seus mosteiros são também culturais, casas de ensino, instituições de educação técnica e artesanatos.

Um movimento de caridade e de optimismo—escreve Marinelli — *impele o Santo e os seus primeiros discípulos naqueles tempos de desgraças públicas para as multidões miseráveis.* Essas «multidões miseráveis» eram concentrações de massas de escravos importados do Oriente. A caridade monástica socorria as multidões esfomeadas. Do alto da sua pacífica cidadela de Monte Cassino, o Santo de Nursia continua fiel à sua origem romana. O sentido da vida em comum, da perfeita «convivência»; o sentido do «social», o atonismo da alta Idade Média em face da vida nunástica, solitária e puramente meditativa do Oriente, retoma esta *romaria*, para empregar uma expressão linguística e técnica que singulariza, a partir de S. Bento, a família dos povos procedentes do *rio romano*, hoje denominados latinos.

As línguas nacionais, o desenvolvimento e o comportamento destes povos, nada mais são que a evolução de diversas expressões de uma Latinidade permanente. Para S. Bento o problema do mundo é um problema moral: uma vez resolvido, tudo o resto é uma questão de estrutura e de arrumação. «O trabalho é, antes de tudo, um acto de fé», proclama ele.

S. Bento e o conceito social do trabalho merece lugar de destaque entre os estudos que Marinelli consagrou, nos últimos anos, aos aspectos mais diversos da ideia latina. Alberto Marinelli nasceu em 17 de Setembro de 1918, em Oriolo, no Latium. Fundou, em 1952, o «Centro de Acção Latina», de Roma. Foi adido cultural da embaixada de Itália em Lima. Proferiu conferências em quase todos os países do mundo hispano-americano e ao regressar a Roma, em 1957, conquistou ràpidamente a sua reputação de escritor.

CREDO ORNAMENTAL, DE UM INCUNABULO DE NUREMBERGA (1491)

O ACORDO E O CENTRO

por ARTUR ANSELMO

Acima das divergências essenciais, há sempre a possibilidade de encontrar em doutrinas ideológicas diversas um vasto número de afinidades.

Estes pontos de contacto, a que vulgarmente se dá o nome de «plataformas de entendimento», devem ser encarados com a reserva natural de um espírito crítico evoluído, a fim de evitar que semelhanças de tipo estilístico ou temperamental venham a transformar-se, na prática, em confusões perigosas. Quando, na portada da sua «Histoire de l'O.A.S.», Jean-Jacques Susini cita uma frase de Lenine, ninguém, evidentemente, vai supor que o jovem ideológico francês exprimiu um voto de fidelidade ao marxismo; mas, no momento em que se ouve falar de um chamado «comunismo nacional», entroncando-o por linha directa na actividade doutrinária de Susini e dos seus camaradas, a citação de Lenine começa a tomar um cariz diferente, e é provável que apressadamente possa considerar-se o antigo chefe civil da O. A. S. um discípulo das técnicas revolucionárias do patriarca socialista russo.

A sedução de generalização deste género, que tem, naturalmente, os seus pontos fracos (e o maior consiste no facto de Susini se ter batido por uma integridade nacional que nenhum leninista do nosso tempo jamais aceitou), pode conduzir um cérebro atento a intermináveis fontes de divertimento dialéctico. E diga-se, aliás, que nenhum mal ao Mundo advém das aproximações eventualmente lançadas entre adversários tradicionais, desde que devidas à pura curiosidade intelectual. Para desgraça do progresso cultural dos povos — que tanta gente defende com tantíssimos cuidados —, estes jogos são muito raros; prefere-se, pelo contrário, o uso macabro das trincheiras, que cada vez mais separam estadistas, escritores e operários, quando não se opta pelo figurino de uma coexistência pacífica de resultados igualmente nefastos.

Lembrei-me muito de Susini quando li o relato do último comício socialista francês, realizado há uma semana na Mutualité. Não que os discursos aí pronunciados pelos dirigentes da

(CONTINUA NA 6.ª PAGINA)

A ESPANHA E A PINTURA PORTUGUESA

por SELLÉS PAES

O meio felizmente não é grande, e daí as maiores facilidades para um conhecimento imediato de quanto se pensa, se deseja e se projecta fazer. E dentro disto está, nem mais nem menos, uma exposição de artistas portugueses com obras inspiradas em Espanha, um país ao qual podem ser sempre suspeitas as adjectivações aplicadas por nós.

As exposições obrigadas a mote possuem, quanto a nós, uma enorme vantagem: a de facilitar o entendimento da actual linguagem das artes. Falamos pela experiência que nos deu, em 1955, a mal denominada Iconografia das Pescas. Todos os Vespeiras, os Azevedos e os Resendes melhor foram entendidos, por um público de cultura deformada, a partir de um Joaquim Lopes, um Fausto Sampaio ou um João Vaz. A mancha de Eduardo Viana foi unânimemente aceite trazendo nos olhos o apontamento de um barco de Veloso Salgado.

O «Entre-velas» de Fernando Azevedo era o melhor ex-libris, a síntese espiritual e luminosa de toda a exposição.

No momento presente, desde que exaustiva e não levianamente se faça a busca dos trabalhos, tem especial interesse a tal e falada exposição, que é coisa demasiadamente séria para se pensar e fazer sobre o joelho. Não esqueçamos nunca que Portugal e muitas partes da Espanha se formaram sobre um mesmo estrado étnico, cultural, geográfico e geológico: a invasão das praias nortenhas por espanhóis, o entendimento de Domingos Monteiro por António Machado ou de Miguel de Unamuno por Pascoaes não são coisas de acaso, como não é por capricho a identidade entre as províncias minhota e galega, que viria a provocar, a João de Almeida, a sua «Visão do Crente». Há (excluamos a Catalunha) um entendimento espontâneo, um fácil integramento, uma facilidade de assimilação da «coisa» espanhola pelos artistas portugueses? Que sentido interpretativo e emocional provoca a Espanha ao artista plástico português? Mantém-lhe a sua individualidade, o seu carácter, ou antes o absorve e o domina, fazendo-o pintar em espanhol?

Temos que distinguir, entre duas espécies de obras, outros tantos tipos plásticos; as obras em que o tema espanhol serve, realìsticamente como prova de lá se ter estado; as obras onde a coisa espanhola é fulcro e raiz da emoção, permitindo dar a alma espanhola vista com olhos portugueses; e, ainda, a posição intermédia. Se somos capazes de vasculhar nos escaninhos da memória não faltam nos artistas do século XX—cronológico e não cultural, bem entendido — obras documentadoras dos três estados.

Mas será suficiente colgar uma água-forte de Varela Aldemira da «Ponte de Toledo», a «Homenagem a Carmen Amaya» de Vespeira, a «Procissão em Toledo» de Maria da Conceição Veloso Salgado, a folha de álbum com «Padres» de Mário Eloy, as «Casas em Fuencarral» de Rui Filipe, e juntá-las a muitas outras para se tirar uma conclusão segura?

E o «Touro» de Vespeira, que com tal nome foi adquirido? A «Homenagem a Carmen Amaya» e o «Touro» de Vespeira sofreram, ao serem sentidos e pintados como testemunhos da alma espanhola, algum desvio nas constantes da pintura que então fazia este pintor? Sendo assim — e foi assim de facto — a obra tem importância fundamental na exposição, e a importância e de sentido cultural.

A gravura de Varela Aldemira, antes citada, ultrapassa o sentido do documento, o pretexto do desenho e das mordeduras do ácido sobre o cobre, ou antes mantém o realismo naturalista do monumento? No segundo caso, tem o valor de inventário.

Um retrato de Primo de Rivera, de Eduardo Malta, uma Rainha Santa Isabel, de Teixeira Lopes, ou uma «Senhora de Mantilha», de Henrique Medina, são «coisa» espanhola vista, sentida, pintada ou esculpida por mãos que alma e cultura portuguesa tangem e guiam? Em caso negativo ocupam o sector do anedotismo equivalente à incapacidade receptiva do morto.

Faça-se a exposição o maior possível, mas que não seja só para a fazer. Quanto melhor e mais completa se fizer, mais claramente se demonstrará como estão afastados os estratos onde nascem as raízes e como são evidentes as diferenciações que afastam as duas pátrias, os frutos das árvores dessas raízes, às vezes unitárias.

DESPORTOS

O QUE HA HOJE

FUTEBOL — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão — Benfica-Seixal, Lusitano-Sporting, Leixões-Belenenses, C.U.F.-Vitória (C.), Varzim-F. C. do Porto, Vitória (S.)-Barreirense e Olhanense-Académica.

—— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão — Lusitano de Vildemoinhos-Sanjoanense, Espinho-Marinhense, Salgueiros-Boavista, Beira Mar-Leça, Covilhã-Oliveirense, Braga-Feirense e Famalicão-Vianense, na Zona Norte; Montijo-Sacavenense, Luso-Farense, Portimonense-Leões, Atlético-Torriense, Cova Piedade-Alhandra, Peniche-Beja e Oriental-Lusitano V. R., da Zona Sul.

—— Provas da A. F. de Lisboa — Jogos a contar para os campeonatos distritais das 1.ª, 2.ª e 3.ª Divisões, distritais de juniores das 1.ª e 2.ª Divisões e distrital de principiantes.

—— Campeonato Nacional Corporativo (Distrital de Lisboa): Firma Lever Cidla (2.ª cat. B), M. Simões Júnior-B. Encarnação (2.ª A), Pregal-Comportel (2.ª A), F. C. Regina-Carenque (1.ª cat.), no parque de jogos da F. N. A. T., às 9, 11, 13 e 15 horas; Sacor-Fonseca & Seabra (2.ª A), no Estádio Nacional, às 15 horas; Comp. Telefones-Comp. Carris (1.ª categoria), na Picheleira, às 10 horas.

ANDEBOL DE ONZE — Campeonato Regional da 1.ª Divisão: Boa Hora-Alverca, Oriental-Almada e Sporting-Cova da Piedade, nos campos dos primeiros.

—— Campeonato Regional de Juniores: Belenenses-Almada e Sporting-Oriental, nos campos dos primeiros, respectivamente, às 10 e às 9 horas.

ATLETISMO — Corta-mato dos Dez, nos terrenos do Estádio da Luz, às 11 horas.

—— Torneio Inter-Regional, nos terrenos do Estádio da Luz, às 10 e 30 (principiantes).

—— Última prova do campeonato nacional de corta-mato corporativo (distrital de Lisboa), nos terrenos anexos ao Estádio Nacional, às 9 e 30 e às 10 horas (respectivamente, 1.ª e 2.ª categoria).

—— Torneio de captação de atletismo para estudantes, no Estádio Universitário, às 10 e 30.

AUTOMOBILISMO — «7.º Grande Rali do Sporting».

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Portimonense-Maria Pia, Sacavenense-Rio Seco e Mundet-Atlético.

—— Campeonato Regional de Infantis: Belenenses-Moscavide, C.D.U.L.-Nacional, Queluz-Sporting e Benfica-Algés, na Faculdade de Ciências, a partir das 8 e 30.

HÓQUEI EM CAMPO — Campeonato de Lisboa: Benfica-Belenenses, Palmense-Atlético e C. F. Benfica-Hóquei, nos campos dos primeiros.

RAGUEBI — Campeonato Nacional da 1.ª Divisão: Benfica-Belenenses e Académica de Coimbra-Sporting.

—— Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Técnico-Guérin e Agronomia-Académica da Amadora.

—— Torneio de Reservas: Benfica-Belenenses, Universitário-Direito e Agronomia-Sporting.

TÉNIS DE MESA — Campeonato Regional de Infantis, nas salas do Arroios, Católico, Amadora, F. C. Lisboa, Sporting, Salesiana, Benfica e Armadorense, às 10 horas.

FUTEBOL

TORNEIO DE RESERVAS da A. F. de Lisboa

O torneio de reservas da Associação de Futebol de Lisboa, a contar para a taça «José Simões», continuou ontem, com os seguintes resultados: Benfica-Sporting, 0-0; Torriense-Atlético, 2-0 e Oriental-Belenenses, 1-3.

CAMPEONATO DA GUINÉ

BISSAU, 1 — O União conquistou o campeonato regional de futebol de Bissau, tendo-se classificado o Ténis Clube em segundo lugar e o Sporting em terceiro.

No último jogo que disputou, o União venceu o Benfica por 2-1. — ANI.

O DR. SALAZAR CARREIRA AGRACIADO com a Medalha de Mérito Desportivo

O Sr. Dr. José Salazar Carreira, que, atingido pelo limite de idade, deixou ontem o cargo de inspector de desportos recebeu cumprimentos de funcionários da Direcção-Geral de Educação Física, Saúde Escolar e Desportos, e doutros serviços do Ministério da Educação Nacional.

O Sr. Dr. Salazar Carreira, e não esqueçamos a sua vida de desportista desde estudante, até assumir funções oficiais, foi atleta praticante de várias modalidades, dirigente e jornalista, recebeu ontem, do director-geral dos desportos, Sr Dr. Armando Rocha, a medalha de Mérito Desportivo, com que foi agraciado pelo Governo, no decorrer de cerimónia que muito o sensibilizou.

COMARCA DE LISBOA

1.ª VARA CIVEL

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Nuns autos de execução ordinária, pendentes na 1.ª secção de processos da secretaria da 1.ª vara cível da comarca de Lisboa em que é exequente Filipe Correia de Araújo, viúvo, proprietário, residente em Lisboa, na R. da Guiné, n.º 9-3.º andar, e são executados José Maria Rodrigues Sampaio, construtor civil, ausente em parte incerta, cujo último domicílio conhecido foi na Azinhaga dos Bezouros, n.º 27-1.º andar, na Pontinha, desta cidade, e mulher Maria da Conceição Carvalho Cruz, doméstica, residente na Vila Praia de Ancora, no Largo do Teatro, correm éditos com a dilação de 30 dias, a contar da segunda publicação deste anúncio, notificando o executado ausente, dito José Maria Rodrigues Sampaio, de que, por despacho de 23 do corrente, proferido naqueles autos foi ordenada a penhora, para garantia da quantia exequenda de 198.015$20, ainda em dívida pelos executados ao exequente, e dos juros, cláusula penal e mais acrescidos legais, no direito que eles têm ao edifício que, à sua custa construíram, num talhão de terreno pertencente hoje à firma «Ferreira & Fonseca, Ltd.ª», com sede em Lisboa, na P dos Restauradores, n.º 13-2.º andar — Sala 43, terreno que tem a área de 187 m2. 5, situado na freguesia de Alhandra, descrito na Conservatória do Registo Predial de Vila Franca de Xira, sob o n.º 24.907 e inscrito na matriz cadastral da dita freguesia sob o art.º 7.º — Secção B (parte). — Tal edifício é composto de cave, rés-do-chão, 1.º, 2.º e 3.º andares, esquerdo e direito, para 10 inquilinos e por acabar.

Lisboa, 25 de Janeiro de 1964.

O Juiz Corregedor
Carlos Alberto da Costa Soares

O escrivão da 1.ª secção,
José João Barreira Cardoso

MANUTENÇÃO MILITAR

VENDA DE SACARIA USADA

Vende a Manutenção Militar cerca de 38.500 sacos diversos, cujas condições se encontram patentes nos Serviços Comerciais, onde se recebem propostas até às 16 horas do dia 10 de Fevereiro p.f.

ENCONTRO

COMPREENSÃO CRÍTICA DO CONCRETISMO POÉTICO

(CONTINUAÇÃO DA 3.ª PAG.ª)

sen, remonta às harmonias do Impressionismo tonal.

Concretizando. Sabe-se que: pelo sintetizante e, a um tempo, também analítico intermédio de uma evolução crítica de formas qualificativamente processada, se encerra o ciclo histórico-literário da concepção, a um tempo quantitativa e qualitativa, de «verso», como unidade estética de lógico-rítmica, isto é: de discursiva confecção verbal. «Il faut que notre intelligence s'habitue à comprendre synthetico-idéographiquement au lieu de analytico-discursivement» — entra de proclamar Appolinaire, algum tempo depois de Mallarmé e do seu «Un coup de dès» que, com «The Cantos» de Pound, o Joyce d'«Ulysses», Cummings e os «Caligrammes» de Guillaume Appollinaire pontificam como precursores.

Dai o consciente aproveitamento plástico e conseguinte sobrevalorização expressionista dos «espaços em branco» que, gráfica e tipográficamente, qualificados, como elementos visuais, semânticos e musicais da composição, dessa feita inapelàvelmente se volvem fundamentais, basilares agentes de substantivação estrutural a levar em considerável linha de conta na «montagem» fisionómica do poema todo, que deles finalmente se apercebe e a eles recorre, deles toma um mais perfeito conhecimento e tira, assim, o maior partido, ao mesmo tempo que, de preferência se arrima ele não já sobremaneira ao verso como até ai, mas passando, agora, a desfrutar, antes de um polo meramente vocabular quando não silábico ou, até mesmo, só literal.

Igualmente, dai, tanto a exacta configuração orgânica, a que a fisionomia de todo o ideográfico, ideogrâmico mecanismo de ideias — que, em sua área geometrizante, prismàticamente se subdividem e sucessivamente se desenvolvem — é metodològicamente obediente, quanto a fenomenológica relatividade que, — plena do mais total realismo artístico, e a todo o longo de uma dinâmica de progressão linear e de múltipla concomitância de movimentos estruturalmente puros, posto que sintàcticamente simplificados, e de coincidente incidência e simultânea inserção, — a isomórfica entrepenetração do tempo e do espaço, respectivamente: o fundo e a forma de toda e qualquer integrante «concreção» poemática, aufere à concretização de toda esta gramática, de toda esta pragmática poética.

Ainda e também, sempre e sem fim, dai a simplificação e, a par dela, e dela consequente, o aprofundamento afim que só e sòmente a estruturação própria de todo e qualquer poemeto concretista mensageia, objecto-produto de si mesmo e invólucro-conteúdo que, por definição e propósitos, ele é, em si e por si. Dai, pois, a pràticamente não-verbal comunicação que, como um vivo paradoxo, lhe é precisamente instilada e, portanto, concedida, conferida, conseguida, por virtuosismos e virtualidades de identidade vocabular subjacentes a factores psicológicos de aproximação e, logo, de proximidade linguística, tal o sejam: a ambivalência das percepções captadas e a aliterante correspondência de sons em blocos de idêntica sistematização fonética escalonados e, aí, sempre por sempre esquematizados, em ordem a toda a familiaridade radical e relacional, como a todo o parentesco orgânico e funcional, e similitude gráfica e fónica que, porventura, entre si representativamente apresentem.

Ganhando em conteúdo de interioridade o que perde em continente de exteriorização e visando à máxima essencialização do pensamento pelo mínimo múltiplo comum de expressividade linguística, — todo o Concretismo poético se subserve, assim, de palavras que, como um meio de atingir fins que tais, ai analìticamente se desagregam, se desintegram, decompõem e, até mesmo, atomizam.

Salutar e curiosa iniciação à arte crítica da Palavra, um modo formal e metodològicamente organizado de mais de perto com ela privarmos e convivermos, e nos excitarmos com a alma de todo o corpo lexical, elementarmente o considerando e objectivando e, de particularização em particularização, desvendando e trazendo à superfície as íntimas correlações de índice verbal nele latentes e latejantes — eis, pois, em síntese, o que é, para mim, o Concretismo.

RODRIGO EMILIO

O ACORDO E O CENTRO

(CONTINUAÇÃO DA 3.ª PAG.ª)

S. F. I. O. me dessem a impressão de afirmativas susceptíveis de várias interpretações. (Mesmo que assim fosse, a recordação de Susini não viria nada a propósito, pois me recuso a ver na sua actividade doutrinária a imagem de um pau de dois bicos). Mas uma das intervenções — a de Claude Fuzier, editorialista de «Le Populaire» — pareceu-me, em certos pontos, bastante próxima das minhas ideias, enquanto acerca de outros a achei completamente idiota. Depois de coordenar a utilização da juventude com fins demagógicos (que Fuzier considera uma característica do actual Governo francês), o orador asseverou: «Se eu ainda tivesse vinte anos, não sentiria senão desprezo e desgosto por essa lisonja e por essa demagogia». Para o dirigente socialista, que tão belamente pôs o dedo na ferida, o facto de muito se falar da juventude quer dizer, regra geral, que a velhice tem todos os trunfos na sua mão.

Nem de perto nem de longe eu navego nas águas de Claude Fuzier, mas não posso deixar de fazer coro com esta lapidar apreciação de um dos traços fundamentais da nossa época, largamente comprovado entre nós, quer falemos de literatura ou de gastronomia, de sapatos ou de livros. E é um pouco com a fisionomia espiritual de Susini que eu me aproveito do discurso do Sr. Fuzier para dar aceitação entusiástica a uma campanha contra a exploração da juventude com intuitos descaradamente demagógicos. E quando vejo à minha volta tanto carneiro sem reflexos próprios, quando me lembro das nossas universidades, quando penso no primarismo intelectual dos nossos jovens licenciados, quando me ocorrem as cenas capitais da comédia académica destes últimos anos, quando assisto à formação dementada desta leva de tecnocratas com «vocação» política, quando vejo tantos professores, de incipiente arquitectura ideológica, armados em doutrinadores da primeira apanha, quando tudo isto existe e tudo isto é fado corrido, mais e mais me capacito de que dois homens podem estar de acordo, embora situados em pontos diametralmente opostos.

Mas o «acordo» não é o centro. Nunca pode ser o centro. Susini o tem demonstrado com a energia dos espíritos superiores.

ARTUR ANSELMO

ALMADA-NEGREIROS

(CONTINUAÇÃO DA 3.ª PAG.ª)

nalmente, na prosa narrativa, sobretudo em «Nome de Guerra», o próprio «estilo forte, imponderável, cândido, feito na raiz do português» ...(como notou Vitorino Nemésio) serve certeiramente para desnudar os objectos e os seres, numa empresa por vezes muito afim de certas ulteriores tentativas do nouveau-roman; e, ao mesmo tempo, incessante se preludia aquela outra tendência, também hoje corrente, para o romance-ensaio.

Todo o valor de um artista como Almada foi assim admiràvelmente resumido em linhas de boa prosa informativa, de análise directa, sem arabescos desnecessários, sem lugares-comuns e sem ocultação de nenhum dos inconfundíveis traços geniais do nosso maior artista deste século. É o que é e mais nada, com a vantagem de estar expresso numa linguagem acessível e tratado de uma forma que o erudito reconhece como certa e o público anónimo tem como ideal. É este um dos principais valores da «Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura»: informar e deixar informado quem a consulta. Só assim se justifica, à parte outros factores, o extraordinário movimento de curiosidade intelectual formado à volta desta iniciativa da Editorial Verbo.

Lugar de especial relevo merece, além disso, a sempre crescente variedade do jogo gráfico das figuras que ilustram cada fascículo, em cores tão correctas como atraentes e de alto valor pictórico e iconográfico.

MANUEL VARELLA

BATATA-SEMENTE DE ORIGEM ALEMÃ CONDEA

A magnífica variedade de Pommersche Saatzucht G. m. b. H., de Uelzen, ALEMANHA, que reune as características da afamada ERDGOLD, possuindo ainda a vantagem de ser mais resistente ao MILDIO, virus e outras doenças.

CONDEA

É a variedade do futuro no mercado Português, como já é em vários países.

PRODUÇÃO EXCEPCIONAL EM QUALQUER TERRENO
POUCO EXIGENTE EM AGUA
GRANDE PODER DE CONSERVAÇÃO
IMUNE À VERRUGA NEGRA
BOM ASPECTO COMERCIAL
EXCELÊNCIA NO PALADAR

Com a variedade CONDEA continua o êxito da P. S. G. lançando no mercado as novas variedades CONCÓRDIA, PONTA e LAVERTA, cujos resultados já estão devidamente comprovados.

ÚNICOS IMPORTADORES:

JOSÉ FERREIRA BOTELHO & C.ª, LDA.
Rua Jardim do Tabaco, 29-31 ● Telef. 864962 ● LISBOA-2

JOSÉ FERREIRA BOTELHO, LDA.
Rua Mousinho da Silveira, 140, 1.º ● Telefs. 24160 e 26331
PORTO
END. TELEG. ERDGOLD

AGENDA

FEVEREIRO

DOMINGO		2	9	16	23
SEGUNDA		3	10	17	24
TERÇA		4	11	18	25
QUARTA		5	12	19	26
QUINTA		6	13	20	27
SEXTA		7	14	21	28
SABADO	1	8	15	22	29

LUAS E MARÉS

LUA CHEIA — Preia-mar: de manhã, às 6 e 07; altura, 3,97; de tarde, às 18 e 32; altura, 3,63. Baixa-mar: de manhã, às 11 e 57; altura, 1,07.

PREVISÃO DO TEMPO

Continuação do bom tempo, com céu geralmente limpo, vento fraco de leste, formação de geada nas regiões do interior. Condições favoráveis à formação de nevoeiros durante a madrugada e a manhã nos vales.

TELEFONES DE URGÊNCIA

Aeroporto de Lisboa	72 11 01
Caminhos de Ferro (informações) ... 3 31 80 e	3 31 87
Companhia das Águas	3 13 61
C. R. Gás e Electricidade	32 00 21
Cruz Vermelha Portuguesa	66 53 42
Hospital de S. José	86 01 31
Polícia Judiciária	73 53 80
Polícia de Segurança Pública	36 64 41
Polícia Internacional	36 27 21
Polícia de Viação e Trânsito	4 22 63
Sapadores Bombeiros	32 22 22

MALAS POSTAIS

Amanhã, pelo «Corvo», para os Açores.

Pelo «Nicobar», para Macau e Timor.

Pelo «Vulcânia», para os Estados Unidos da América do Norte, México, Venezuela, Canadá e Japão.

A correspondência registada recebe-se até às 9 e 45 horas. Última tiragem às 10 e 45.

MUSEUS

De Marinha, nos Jerónimos, das 10 às 17; Militar, Largo do Museu de Artilharia das 12 às 17; de Arte Antiga, Rua das Janelas Verdes, das 10 às 17; Nacional dos Coches, Praça Afonso de Albuquerque, das 10 às 17, todos os dias excepto às segundas-feiras; da Cidade, Palácio da Mitra Rua do Açúcar, das 11 às 17; de Rafael Bordalo Pinheiro, (Campo Grande), das 13 às 17; Aquário Vasco da Gama, Dafundo, das 12 às 14, aos domingos, das 10 às 18; Arqueológico do Carmo, das 11 às 17; Arte Contemporânea, Rua Serpa Pinto, n.º 6, das 10 às 17, excepto às segundas-feiras; Arte Popular, Praça do Império, Belém, das 11 às 17; Bocage, na Faculdade de Ciências, das 12 às 18, às quintas-feiras; Fundação Ricardo Espírito Santo, Largo das Portas do Sol, 2, das 10 às 17 (excepto às segundas-feiras), aos domingos das 12 às 17; dos Hospitais Civis de Lisboa, Dr. Alberto Mac Bride, no Hospital de Santa Marta, segundas, quartas e sextas-feiras, das 14 às 18.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO F

MARQUES — Est. Benfica, 648, Tel. 700096; VITEX — Est. Benfica, 373-B Tel 780548; CURIE — Av. Madame Curie, 15-A, Tel 778439; LEAL DE MATOS — R. Neves Costa, 33-35 (Carnide) Tel 780181; PRATES & MOTA — R. da Beneficência, 9., Tel. 773728; SÃO BARTOLOMEU — Quinta Balsares de Baixo (à Charneca), Tel. 790969; PATULEIA HERDEIROS — R. Lumiar, 122-124, Tel. 790332; RAINHA SANTA — R. Afonso Lopes Vieira 57-B Tel. 765262; BRASÍLIA — Av. Rio de Janeiro, 66-66-A, Tel. 722368; ALENTEJO — Av. Igreja, 28-B Tel. 712682; BELMAR — Av. Roma, 53-A, Tel. 776314; ESTADOS UNIDOS — Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 725859; SANTA MARIA — Av. 5 de Outubro 283-A, Tel 763016; CARDOTE, LDA. — Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C, Tel. 772291; PALMA — Av Duque de Ávila 25-31, Tel. 47088; SIRIUS — R. Fialho de Almeida, 36-E Tel 44000; ARGA, LDA. — Av. Praia da Vitória, 53-55 Tel. 43938; LATINA — Av António Augusto de Aguiar, 17-A, Tel. 42312; CONTEMPORÂNEA — R Conde de Redondo, 26-30 Tel. 4504..; ASCENSO — R. 27, .. Bairro da Encarnação. Tel 389216; SIMÃO — Av. Entre Aeroportos, R. D1, 16-A, Tel. 388581; GRILO — R. do Grilo 25; MARLUZ — Calç. da Picheleira, 140-B-C. Tels P. P. C. 720703-728395; BRITO — R. Vale de Santo António, 7-9, Tel. 840125, ANUNCIADA — R. Vigário, 74 Tel. 866360; PROGRESSIVA — R. Santa Marinha, 18 Tel. 863619; CENTRAL DO AREEIRO — Av. Paris, 2-2-A, Tel 720820; EUSIL — R. Barão de Sabrosa. 104 Tel 841912; ALIANÇA — Av. Almirante Reis, 145-B-C, Tel. 50487; DIMAR — R. Conde de Monsaraz, 17-B, Tel. 842533; GUERRA — R. Andrade, 32-36, Tel. 845513; VIEIRA BORGES — R. Alexandre Herculano, 28, Tel. 40536; RUALTO, LDA — R. Alto do Carvalhão 5-A/5-B, Tel. 651721; IMPARCIAL — R. General Taborda, 28, Tel. 680931; ALMEIDA — R. Silva Carvalho, 136, Tel 681726; CONDESTÁVEL — R. Coelho da Rocha, 119 Tel. 666206; AURÉLIO REGO — Cal. da Estrela, 39 Tel. 661758; RESTELO — R. Duarte Pacheco Pereira, 11-C, Tel. 610741; LÍDIA ALMEIDA — Cal. da Ajuda, 170 Tel. 637318; SANTO AMARO — R. Filinto Elísio, 29-A-B, Tel. 637070; PROBIDADE — R. Alcântara, 15-A-B, Tel 638589 INFANTE SANTO — R. Olival, 290, Tel 661003; MARCOS DO NASCIMENTO — Cal. Marquês de Abrantes, 36-A, Tel. 664238; OLIVEIRA — R. D. Pedro V, 123-125, Tel. 327880; GALÉNICA — R. Pretas, 12-14, Tel. 322588; VEIGA, SUC. — R. Conceição, 42, Tel. 326847; INTERNACIONAL, LDA. — Ru Aurea 228, Tels. 30203-322017 — A.

CONFERÊNCIAS

A realizar:

«O PLATONISMO DE FERNANDO PESSOA»

No prosseguimento do ciclo de conferências do Instituto Português da Sociedade Científica de Goerres, o Sr. Prof. Manuel Antunes falará amanhã, às 16 horas, na Faculdade de Letras de Lisboa, (Anfiteatro 1), sobre o tema «O Platonismo de Fernando Pessoa».

«A PROVÍNCIA DO ALGARVE»

Na Casa do Algarve realiza no próximo dia 15 uma conferência o Sr. Dr. Maurício Monteiro, que versará o tema «A Província do Algarve — Sua Etnia — Novos Rumos». Será seguida da exibição de um documentário algarvio a cores da autoria do cineasta portimonense Sr. Júlio Bernardo.

RÁDIO ✱ TELEVISÃO

EMISSORA NACIONAL — Programa «A» — 7: Saudação matinal. 7 e 05: Acorde bem disposto. 7 e 15: Resumo de notícias e Rádio Rural. 7 e 20: Música para um domingo de sol... 8: 15 minutos de ritmo. 8 e 15: Noticiário e o Dia desportivo. 8 e 25: Marcha de êxitos. 9: Tudo isto é vida. 9 e 15: Noticiário. 9 e 20: Roda viva. 9 e 45: Selecção de êxitos. 10: Música na estrada. 10 e 55: Despedida. 11: Noticiário e Cartaz dos espectáculos — Missa da Basílica da Estrela. 12: Solos de violino 12 e 15: Melodias. 12 e 30: Valsas. 12 e 45: Toada brasileira. 13: Noticiário e Revista da Imprensa. 13 e 20: Arco-Íris. 14: Variedades. 14 e 45: Música portuguesa. 15: Futebol. 17: Ritmos de jazz. 17 e 25: Bailarico. 17 e 45: Quinze minutos no Brasil. 18: Noticiário — Domingo desportivo. 18 e 15: Música de dança. 19: Falamos de... 19 e 30: Canções de Paris 19 e 45: Ritmos sul-americanos. 20: A Orquestra de Richard Hayman. 20 e 15: Jornal sonoro. 20 e 35: A nossa terra. 21: Noticiário e Crónica de Angola. 21 e 30: Raul Nery e o conjunto. 21 e 50: Orquestras típicas. 22: Rádio desporto. 22 e 40: Fados. 23: Crónica tauromáquica. 23 e 15: Música de dança. 23 e 45: Noticiário. 24: Encerramento.

Programa «B» — 13: Noticiário e Revista da Imprensa. 13 e 30: Música sinfónica. 14: Recital pela pianista Nina Marques Pereira. 14 e 30: Encontro com o passado. 15: Onda musical. 18: Tempo de Poesia 18 e 50: Noticiário regional. 19: Concerto de domingo. 20: Noticiário. 20 e 15: Concerto de domingo. 20 e 55: Concerto pelo duo de violoncelistas. 21 e 25: O gosto pela música. 22: A voz do Ocidente. 24: Encerramento.

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA — 15: Festival de Berlim de 1963. 15 e 40: Música de piano. 16 e 15: Música coral sinfónica. 16 e 40: Sonata n.º 9, em lá maior, op. 47 (Beethoven). 17 e 18: Música de Bach. 18 às 24: Programa de Lisboa 1.

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA — 2 — 15: A peça de teatro «Manuela». 17 e 15: Ópera. 18 às 22: Programa de Lisboa 2. 22: Música coral sinfónica. 23 e 45: Noticiário. 24: Encerramento.

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS — 0,00: Programa Meia Noite» — Noticiário às 0 e 45, 1 e 45 e 2 e 55. 3: «Sintonia 63». 4 e 45: Noticiário — «Sintonia 63». 6: Boletim meteorológico. 6 e 02: «Desculpe, mas já são horas». 6 e 45: «Desculpe, mas já são horas» (continuação). 7 e 03: Programa «Talismã». 8 e 30: Onda do optimismo. 8 e 45: Noticiário — Onda do optimismo (continuação). 10 e 04: Programa «Talismã». 12 e 01: «Golo» — revista desportiva. 12 e 30: Eles e Elas tal como são. 12 e 45: Noticiário. 13 e 02: A vida é assim. 13 e 30: Uma janela para o Mundo. 14 e 01: Domingo à tarde. 14 e 31: Programa «Triunfo». 14 e 52: Tarde desportiva. 17: Domingo musical. 17 e 30: Isto é café — Conjuntos. 17 e 45: Noticiário desportivo e artista. 18 e 01: Música pelo caminho. 18 e 45: Orquestras. 19: Variedades. 19 e 30: Jornal da Apa. 19 e 45: Noticiário — Jornal da Apa (continuação). 20 e 15: Selecção musical Toddy. 20 e 30: O comentador desportivo. 20 e 45: Diálogos de domingo. 21: Noticiário. 21 e 15: Banda de som. 21 e 31: «Leituras». 22: Rádio-espectáculo. 22 e 15: Zarzuela. 23: Orquestras e canções. 23 e 30: Festas Felizes. 23 e 45: Noticiário.

RADIO RENASCENÇA — 7: Lisboa — leitura do programa. 7 e 05: Oração da manhã e boletim religioso. 7 e 15: Ritmos alegres da manhã. 7 e 30: Despertar às sete e meia. 8 e 25: Noticiário. 8 e 30: Programa «Alvo». 9 e 30: Programa variado. 10: Ouvindo as estrelas. 11: O 5.º programa. 11 e 15: Música seleccionada. 11 e 30: Missa dos doentes, do Seminário dos Olivais. 12 e 45: Noticiário e boletim do S. C. R. 13: O êxito musical da semana. 13 e 15: Programa «Tic-Tac». 13 e 30: Peça que não maça. 14 e 15: Domingo à tarde na Avenida Marginal. 14 e 45: Transmissão desportiva. 17: Música ao volante. 17 e 45: Voando com a Canadian. 18: Passatempo continental. 18 e 25: Boletim religioso. 18 e 30: Terço, Bênção e Missa da Basílica dos Mártires. 19 e 55: Boletim do S. C. R. 20: Uma voz e quatro canções. 20 e 15: Melodias. 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural. 20 e 55: Meditando. 21: Sucessos musicais em voga. 21 e 30: Eventual. 22 e 30: Variedades. 23: A 23.ª hora. 2: Fecho.

TELEVISÃO — 12 e 30: Abertura. 12 e 32: Missa de domingo. 13: Telejornal. 13 e 15: Informação desportiva. 13 e 30: Desenhos animados. 14: Filme «A nobreza corre nas veias». 16: Jogos Olímpicos de Inverno. 16 e 45: Passatempo infantil. 17 e 30: Informação desportiva. 17 e 35: Jogos Olímpicos de Inverno, de Innsbruck: patinagem artística (1.ª parte). 18: «O Dia do Senhor». 18 e 25: Jogos Olímpicos de Inverno de Innsbruck (2.ª parte). 18 e 50: Telejornal. 19 e 05: «TV Rural». 19 e 30: Cartaz TV. 19 e 50: «Parada musical». 20 e 30: «Grande Écran» — «Cinema 64» e «Museu do Cinema». 21 e 20: Telejornal. 21 e 40: «Os Factos da Actualidade Nacional», comentário de Barradas de Oliveira. 21 e 50: Boletim meteorológico. 22: «TV 7» — Revista da semana. 22 e 25: Final nacional do «Grande Prémio TV da Canção Portuguesa-1964». Apresentação das 12 canções seleccionadas para apuramento da que representará Portugal no «Grande Prémio Eurovisão da Canção Europeia-1964». 23 e 40: Domingo desportivo. 24: Telejornal. 00,05: Meditação. 00,10: Fecho.

AMANHA

EMISSORA NACIONAL — Programa «A» — 7: Resumo de notícias e Rádio Rural. 7 e 20: Música da manhã. 8 e 15: Noticiário e o Dia desportivo. 8 e 25: Música variada. 9 e 15: Noticiário. 9 e 25: Música variada. 10: Geografia musical. 10 e 30: Horizonte. 11: Noticiário e Cartaz dos espectáculos. 11 e 10: Música no trabalho. 11 e 45: O pianista Frankie Carle. 12: Serão para trabalhadores. 12 e 45: Música de zarzuela. 13: Noticiário e Revista da Imprensa. 13 e 20: O organista Don Dewitt. 13 e 30: Catavento. 14 e 15: O povo canta e dança. 14 e 30: Orquestras ligeiras. 15: Resumo de notícias e Bolsa. 15 e 10: Conjuntos vocais. 15 e 30: Música só música. 16: Tarde musical. 16 e 45: Música de salão. 17: Fados e guitarradas. 17 e 30: Estrela da tarde. 18: Noticiário. 18 e 10: Música de dança. 18 e 45: A verdade é só uma. 19: Alegria no trabalho. 19 e 30: Vedetas na Costa Azul. 20: Valsas. 20 e 15: Jornal sonoro. 20 e 35: As nossas canções. 21: Noticiário — Comentário pelo padre Tobias Ferrás — Crónica de Angola. 21 e 40: Que quer ouvir? 22: Folhetim «Uma aventura no século XV». 22 e 20: Bailarico. 22 e 45: Jornal sonoro. 23: De tudo um pouco. 23 e 45: Noticiário. 24: Encerramento.

Programa «B» — 12: Vésperas sicilianas. 12 e 20: Concerto pelo duo de pianistas Lydia-Mario Conter. 12 e 47: Concerto n.º 9 em ré menor (Vivaldi). 13: Noticiário e Revista da Imprensa. 13 e 30: Música sinfónica. 14 e 15: Tempo de Poesia. 14 e 30: Ópera «O Trovador», de Verdi. 15: Interrupção. 18: Árias de óperas de Ricardo Strauss. 18 e 20: Ciclo «A Sonata». 18 e 50; Noticiário regional. 19: Música sinfónica. 19 e 50: Tocata op. 11 (Prokofieff) 20: Noticiário. 20 e 15: Concerto pela Orq. Sinfónica do Porto. 21 e 05: Canções. 21 e 31: Música de câmara. 22: A voz do Ocidente. 24: Encerramento.

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA — 22: Obras-primas da música francesa. 22 e 30: Música sinfónica. 23 e 45: Noticiário. 24: Encerramento.

RADIO CLUBE PORTUGUÊS — 0,00: Programa «Meia Noite» — Noticiários às 0 e 45, 1 e 45 e 2 e 55: 3: «Sintonia 63». 4 e 45: Noticiário — «Sintonia 63» (continuação). 6: Boletim meteorológico. 6 e 02: «Desculpe, mas já são horas». 6 e 45: Noticiário — «Desculpe, mas já são horas» (continuação). 7 e 03: Programa «Talismã». 8 e 30: Onda do optimismo 8 e 45: Noticiário — Onda do optimismo (continuação). 10 e 04: Programa «Talismã». 12: Ouvindo os sul-americanos. 12 e 30: Diário do Ar. 12 e 45: Noticiário. 13 e 01 Parodiantes de Lisboa. 13 e 45: Artista 14: Boa tarde. 14 e 15: Banda de som. 14 e 30: Interlúdio feminino. 14 e 45: Matinée teatral 15: A prima Bandó em Lisboa. 15 e 15: Cançonetas. 15 e 45: Jornal de Oeiras. 16: Parodiantes de Lisboa. 16 e 15: Rescaldo desportivo. 17: Jornal feminino. 17 e 30: Os nossos artistas. 17 e 45: Noticiário e conjuntos. 18 e 01: Tudo pode acontecer. 18 e 30: Melodias de Espanha. 18 e 45: Interlúdio feminino. 19: Orquestras e canções. 19 e 30: Jornal da Apa. 19 e 45: Noticiário — Jornal da Apa (continuação). 20 e 15: Selecção musical Toddy. 20 e 30: Lendas da nossa terra. 20 e 45: Momento brasileiro. 21: Noticiário. 21 e 15: Festa Brava. 21 e 30: Solistas. 22: Rádio-espectáculo. 22 e 15: Canções de todo o Mundo. 22 e 45: Hot Club. 23: Ritmos de baile. 23 e 45: Noticiário.

RADIO RENASCENÇA — 7: Lisboa — leitura do programa. 7 e 05: Oração da manhã e boletim religioso. 7 e 15: Ritmos alegres da manhã. 7 e 30: Despertar às sete e meia. 8 e 25: Noticiário. 8 e 30: Programa «Alvo». 9 e 30: Meia hora para si. 10: Enquanto for bom dia. 12: Oração do meio-dia. 12 e 05: Acordeões. 12 e 15: Canções portuguesas. 12 e 30: O conjunto de Fausto Papetti. 12 e 45: Noticiário e boletim do S. C. R. 13: O êxito musical da semana. 13 e 15: Uma chama viva. 13 e 30: Programa «Tic-Tac». 14 e 30: «Panorama». 15: O clube das donas de casa. 18: Passatempo para o lar. 18 e 25: Boletim religioso. 18 e 30: Terço e Bênção da Basílica dos Mártires. 19 e 05: A hora do Concílio (repetição). 19 e 25: Boletim do S. C. R. 19 e 30: O seu programa. 20: Conjuntos vocais. 20 e 15: Solistas. 20 e 30: Noticiário. 20 e 55: Meditando. 21: Programa dos sócios. 22: Quando o telefone toca. 22 e 30: Selecções. 22 e 45: Canções de Paris. 23: A 23.ª hora. 2: Fecho.

TELEVISÃO — 15 às 17 — Música gravada (durante a Mira Técnica). EMISSÃO: 18 e 45: Abertura. 18 e 47: «Língua portuguesa», pelo Dr. Aldónio Gomes; «Práticas Pedagógicas», pelo inspector Baptista Martins. 19 e 30: Telejornal. 19 e 45: «Curso de Educação de Adultos», pelo professor António Saraiva. 20 e 15: Série «Mr. Ed» — o cavalo que fala. 20 e 40: Momento desportivo. 21 e 20: Telejornal. 21 e 50: Boletim meteorológico. 22: Trio Knieper — «Trio em Si Maior» 22 e 30: Um filme da série «Naked City». 23 e 30: Jogos Olímpicos de Inverno. 24: Telejornal. 00,05: Meditação. 00,10: Fecho.